

Torquato Neto : música, festivais e outras transas.

(00'01 – 01'35'') Olha, eu penso em primeiro lugar que, festival tem feito realmente um... tem feito um *bocado* de coisa bacana por musica popular. Isso é uma opinião muito pessoal minha, porque a maior parte dos compositores hoje em dia, acha que não. Eu acho que sim. Eu acho que tudo que/ as melhores coisas que apareceram em música popular no Brasil de uns três anos para cá, apareceram em festival e ... e que o problema que existe hoje em dia com o festival, além do número impressionante de festivais que tem hoje em dia no Brasil, quase um por mês, aliás, ou dois ou três, sei lá, o problema mais grave que eu acho com o festival, é que... ele precisa ser/ ele precisa ser uma coisa viva, ele precisa ser um negócio que fique sempre se transformando e tudo e eu acho que quem transforma festival não é a estação de televisão que patrocina ele , nem nada. São os compositores, os interpretes que procuram maneiras novas de se apresentar, procuram sons cada dia mais novos pra mostrar no festival, isso tudo. Então, o que eu acho sobre festival é isso, basicamente.

(01' 37- 03'26'') É, sou do Piauí. Sou de Teresina, no Piauí. E eu morei na Bahia muitos anos, depois morei no Rio. Sempre/ sempre depois de uns oitos anos pra cá, talvez. Não, talvez um pouco menos. Sempre com Caetano, Gil, todo o pessoal do grupo Baianos. Quando eu morava no Piauí, depois quando eu fui morar na Bahia, eu tinha quinze anos, por aí assim. Quatorze, quinze anos nessa época, e como/acho que como toda pessoa de quatorze, quinze anos e todo cara que tem qualquer mania/ Bom, eu escrevia poesias naquela época, aqueles poemas de adolescentes, que a maior parte de adolescentes escreve e tudo. Mas, depois parei. Quando vim morar no Rio/ é, depois que eu vim morar no Rio, quando o Caetano que eu já conhecia e tudo, Gil vieram pra cá, foi aí nessa época que eu comecei a fazer letra de música. Inclusive a primeira letra que eu fiz foi pra uma música que tá gravada no primeiro LP de Caetano, aquele com a Gal, é uma musica chamada Nenhuma Dor, que é a ultima facha do LP cantada pela Gal. Aquela foi a primeira letra de música que eu fiz. Foi aí em mil novecentos e sessenta e quatro, por aí.

(03'29" - 05'45") Até que ponto eu acho que tem o mesmo valor que a poesia pura? Eu não acho que tem o mesmo valor que a poesia pura. Eu acho que hoje em dia, a poesia e música popular tem, não é mais valor, mas tem mais poder de comunicação do que a poesia/a poesia de livros. Se bem que com a própria poesia de livros já estejam acontecendo transformações incríveis, maravilhosas. Aqui mesmo em São Paulo, já há mais de dez anos, foi lançado o movimento concretista que eu acho da maior importância e que eu declaro mesmo que ultimamente me influenciou demais, todo meu trabalho, todo o meu trabalho em música e em outras coisas que eu venho fazendo, que venho tentando fazer de/de algum tempo pra cá. Agora a poesia e música, por exemplo, eu posso dizer que nesse momento, na minha opinião, Caetano Veloso é o maior poeta do Brasil. Porque, não é que ele seja mais poeta do que Augusto de Campos ou Décio Pignatari ou nada disso, que não se trata disso. Nunca se trataria disso. É que a poesia de Caetano e música é atualmente a mais importante do Brasil, a meu ver, a mais rica, a mais sugestiva, a que indica mais caminhos e tudo. Então, nesse sentido eu acho que realmente a poesia e música hoje em dia no Brasil, que antes de ser um país essencialmente agrícola é um país essencialmente musical, essa poesia de musica é um negocio da maior importância e acho que deve ser uma preocupação básica de todo compositor.

(05'47" – 10'36") Bom , da minha primeira fase assim, que se pode chamar, da época que nós começamos aqui, no Sul, tem alguma/ tem muitas, tem muitas. Mas não falamos duas ou três dessa época mais conhecidas que são Louvação, Vento de Maio, Minha Senhora, Zabelê, essas com Gil, Pra dizer adeus com Edu Lobo, que, aliás, foi o único compositor que trabalhei fora do grupo baiano. Fiz três músicas com ele, mas só precisa falar de Pra dizer a deus. Bom, e tem outras, não precisa dizer. Depois... com o tropicalismo tem o ... bom, tem Domingou no LP do Gil, tem Marginalia II, tem Aí de Mim Copacana, tem Deus vos salve esta casa Santa, tem Mamãe Coragem, tem Geleia Geral, algumas assim, por aí. É uma cantiga antimamãe, antiedipiana,

mas ela resultou nisso e hoje em dia eu acho muito bom, embora quando fiz, quando escrevi, eu tivesse mais a intenção de fazer uma canção nordestina, que inclusive o nome, o primeiro nome de Mamãe Coragem, era simplesmente Canção Nordestina, porque eu gostaria também de ter chamado na época/ chamei também cantiga viramunda, que é sobre/com aquela relação com o viramundos, de quem vem pra cidade grande e tudo, mas depois o nome título de Mamãe Coragem achei mais bacana porque tinha mais humor e tudo. E a música é isso, ela é uma canção de nortista, ela é uma canção de nortistas mesmo. Porque é uma canção de nortista que sai da sua terra e declara solenemente que não volta mais. Aí as pessoas precisam de perguntar (*trecho incompreendido 08:28*), mas e a terra e tal?. Aí é que tá, o problema todo da musica é esse, é a impossibilidade de voltar, então na música se dirige a mãe e fala: “olha, eu realmente adoro isso aí, acho bacana e sei lá, eu gosto de minha terra e tudo. Mas hoje em dia eu estou tão preso num outro/ num outro esquema de vida que eu acho melhor que vocês não contem mais com a/com a minha presença por ai que será apenas ocasional”. Mas também tem o outro lado, que é o lado de relação de pais e filhos, que isso é um negocio que talvez seja uma obsessãozinha minha, mas eu tenho a irresistível tendência de tratar disso em algumas coisas. Essa música mesmo, “Deus vos salve essa casa santa”, que é minha e de Caetano, gravada pela Nara e pela Claudete, essa música também tem trechos, aliás, todo o esquema dela é um negócio de movimentação familiar, essas coisas todas. Classe média, classe media nortista principalmente, classe média ... de:: urbana também, de grandes centros. Não sei, isso é muito confuso, a música, o que essas músicas passam, o que as pessoas /o que elas passam para o público a gente não sabe direito, porque são músicas que podem ter/as pessoas podem sentir de maneiras diferentes. Há pessoas que só veem no Mamãe Coragem um negócio antimamae... que tem, mas também há outras que só veem o lado nordestino da coisa, sabe? Eu gosto muito de Mamãe Coragem.

(10’39” –13’54”) Eu acho que o grupo baiano deixou de folclorizar o folclore. O que não tem nada a ver. Uma vez um crítico de música popular escreveu no jornal do Rio que tinha muita pena do grupo baiano porque o grupo baiano

tinha abandonado o samba, mas o samba estava de braços abertos no dia que o grupo baiano quisesse voltar para o samba seria bem recebido. Eu acho isso da maior besteira. Eu acho incrível, eu acho que nós nunca saímos do samba, nós só continuamos com ele, né? Não continuamos folclorizando o samba, não continuamos folclorizando o folclore da Bahia, o samba de roda, nem coisa nenhuma, nem todas as influências que as pessoas tem de música popular no Brasil durante sua formação. As mil maneiras de música popular. Eu acho que o nosso trabalho hoje em dia, eu digo isso sem nenhum perigo de ser chamado de imodesto, eu acho o nosso trabalho importantíssimo, pelo seguinte: porque é o que abre perspectivas, é o mais/ o tropicalismo é um negócio abrangente. Totalizante. Você pode fazer qualquer coisa e não tem que pedir de tá/ ninguém fique definindo toda hora. Mas o que é o tropicalismo? Tropicalismo é você fazer o que você está com mais necessidade. É a liberdade do exercício de liberdade. Sei lá. É mil coisas. Você pode dizer mil frases a respeito disso, mas de fato nenhuma frase resolve. Você veja nosso disco Tropicália, esse LP, lançado há alguns meses atrás. Aquele LP, cada faixa dele é uma proposta musical inteiramente diferente da outra e das outras todas. Cada faixa daquele disco é uma proposta diferente, que eu não digo nova, mas diferente. É um negócio aberto. Então nesse sentido, você pode ver que tem uma música minha mesmo na Geleia Geral que ela é inteiramente nordestina, você pode ver o que eu falei antes de Mamãe Coragem que é ligadíssima as coisas do norte, agora com outra visão. Você pode ver músicas de/de/ o Miserere de Gil e Capinam, pelo amor de Deus, não pode ser mais brasileiro. E, aliás, com tudo que tem ali. E tudo pra que a gente fize/ vinhesse a fazer esse trabalho, eu acho que realmente a gente não teria condição de ter feito/ de está fazendo um trabalho assim se a gente não tivesse antes trabalhado com folclore, trabalhado com tudo, sempre ... Sei lá, Eu acho que, enfim, nós não estamos mais folclorizando o folclore, só isso.

(13'56" -15'53") É isso mesmo. O trabalho é o mesmo, mudou a linguagem, mudou/mudaram as necessidades, então mudaram/mudamos a linguagem. É claro que::: se em mil novecentos e sessenta e oito a gente não tivesse tido coragem de em mil novecentos e sessenta e sete usar guitarras, usar certas coisas que naquele tempo era um escândalo, em novecentos e sessenta e oito

não estaria acontecendo tanta coisa importante que está acontecendo hoje em música brasileira. Por exemplo, você ver aqui nesse festival mesmo, pode-se discordar de muita coisa, mas esse festival tem pra mim (*incompreensível* 14:42) da Record tem pra mim um significado importantíssimo. É o festival da fundição de cuca, mas da fundição de cuca total, o público não tem, pelo menos naquelas duas primeiras apresentações que nós vimos, o público estava antes de qualquer outra coisa, indeciso. Não tinha a mínima ideia do que deveria aplaudir, do que deveria vaiar e fazia tudo com algum, assim, com alguma timidez que não é própria de um público do festival da Record. Então quando as coisas começam acontecer todas ao mesmo tempo e violentamente, acontece isso. É a fundição de cuca. Mas isso é a coisa mais bacana que pode acontecer agora, porque é o mesmo que aquele LP da gente, cada música é uma proposta diferente nesse festival. Então você pega o que você quiser e trabalha conforme as suas necessidades. O que o Gil falou eu acho que ele tem toda razão e é exatamente o que eu estava querendo dizer com essa conversa toda.

(15'55" – 16'32") O objetivo puramente musical e de interesse musical e poético que é de alargamento de caminhos e de coisas assim. O objetivo de conquistar mercado, evidentemente, porque se não conquistar não teremos condição de continuar fazendo, porque música é pra vender, e é batata, não adianta, que disco é feito é pra vender, então tem que vender, se não, não presta... E qual foi outra coisa que você falou?

(16'34" - voz: é o publico)

(16'35" – 18'48") Não, o público é a mesma coisa do disco. Claro, que é um trabalho que propõe sinais de comunicação novos, novos aqui pra o público brasileiro, é claro que de cara acontecem sempre choques inevitáveis, e tem que acontecer. E isso é bom, porque isso põe o próprio trabalho em discussão, isso ainda é::: importantíssimo. Mas, esse negocio de público, a gente trabalha cada um com público mais ou menos definido. Público, as pessoas dividem, público universitário, público não sei o quê, etc e tal. No início, o público universitário desconfiou solenemente do que a gente tava fazendo, logo a seguir, em São Paulo principalmente, enfureceu-se com o que a gente

continuava fazendo e hoje em dia, tão pouco tempo depois, incrivelmente pouco tempo depois, eles já estão começando a compreender que não é picaretagem, que não é nada do que eles estavam pensando, que é um trabalho da maior seriedade. E assim estamos conquistando algum público, né? Que compram os discos e gosta e discute o trabalho da gente. Pelo menos, se a gente não tivesse feito nada que prestasse, se a gente não tivesse feito nada de realmente bom, a gente tinha feito alguma coisa ótima: era por a música brasileira em xeque. A música brasileira como vinha sendo feita até dois anos atrás, nós colocamos isso em xeque. Isso logo de cara é tão importante, né?

(18'50"-20'45") (*rindo*) Aí eles confundem tudo nessa hora. Porque, eles que:: não gostam de ser chamados nem de esquerda festiva, reagem algumas vezes como direita festiva, que é um negócio muito mais terrível, né? E esse negócio de chamar de esquerda festiva, direita festiva, não acho isso importante. Eu acho que é uma grande confusão, entre::: demagogia, por exemplo, e outras coisas serias. Muita confusão/ é principalmente aquela coisa que eu falei antes numa pergunta anterior, a tendência irresistível das esquerdas universitárias no Brasil de folclorizarem o folclore cada vez mais e o folclore está sendo inteiramente utilizado para fins que eu desconfio muito, sabe? Eu acho que esse negócio de música/ de música engajada, eu não acho, sei lá. Tem bem uns três anos que eu não penso em discutir isso. Eu acho que pelo menos em relação ao nosso trabalho, eu nem discuto, eu não gosto nem de falar. Eu acho que quem quiser que entenda o que a gente diz. Eu acho tudo muito simples, mas as pessoas complicam tanto, né? E, caminhando e cantando e seguindo a canção. Seguindo mesmo. A canção lá na frente e eles atrás, seguindo a léguas de distância, anos de distância. Eu acho que esse tipo de trabalho realmente não interessa nenhum pouco.

(20'48"-21'30") O livro do Augusto, eu acho, eu sei que eu sou suspeito, mas eu acho o livro do Augusto o único trabalho interessante publicado em livro no Brasil sobre música popular depois da Bossa Nova. Eu acho um trabalho sério, bacana, bem feito, inteligente, sem picaretagem, sem nada disso. Gosto muito daquele livro, acho bacana. Têm muita informação interessante e ele...ele entende direito, ele entende bem mesmo o que se faz.

(21'33" – 23'54") Ah, isso Caetano já está cansando de explicar. Caetano/ o próprio Augusto explica isso muito bem no livro. Também uma questão pra mim que está fora de dúvida, fora de discussão, porque quando nós partimos pra esse tipo de trabalho, nós partimos já a partir de João Gilberto, então nem se discuti. Nós já partimos disso mesmo. Ah, que o Caetano chamou numa entrevista, que depois ficou célebre, numa entrevista, aliás, num debate gravado para a Revista Civilização Brasileira de dá seguimento a linha evolutiva de::da música popular, o trabalho evolutivo iniciado por João Gilberto com a Bossa Nova, iniciado com a Bossa Nova e levado as últimas consequências, naquele tempo, por João Gilberto que realmente é o maior artista do (movimento) sem uma dúvida. E mais sintético de todos,o mais forte. E quando/ quando/ Bom, isso tudo Augusto explica no livro, quando retomamos esse trabalho, nós retomamos no estagio que ele deveria ser retomado, não seguimos um plano linear das coisas, que isso não existe. Essa coisa de achar que tudo é um esquema linear, esse povo tem uma mania terrível de pensar, nada linear. Porque, João fez a revolução dele com a Bossa Nova, a revolução seguinte deve ser saturar João Gilberto, levar/ Nada disso, é exatamente o que chama linha evolutiva é fazer o passo a frente, o passo a frente sempre. E isso o Augusto explica bem lá no livro. Eu acho que isso também, acho isso fora de discussão. Aliás, essas coisas que as pessoas gostam mais de discutir sobre o trabalho da gente, eu acho quase todas fora de discussão. Eu fico impressionado como se discuti certas coisas que eu não tenho mais por que discutir porque já é assunto morto e enterrado pra mim a muito tempo.

(23'55"- 23'56") *Voz (Torquato você vai a Europa?)*

(23'57" – 24'57") Ah, vou. Vou agora no inicio do mês de dezembro, vou ficar uns quatro, cinco meses em Londres em contato com o pessoal de um grupo de vanguarda, de arte vanguarda, chamado Exploding Galaxy, do qual faz parte John Lennon e vou também levar/o Gilberto Gil vai gravar um LP lá em Londres e eu vou estar lá porque vou trabalhar em negócio de versão de músicas nossas e edição lá. Fazer mil coisas, vou fazer mil contatos, conhecer um *bocado* de gente. Fazer uma viagem na Europa agora, eu acho bom, ficar... faz bem, principalmente se não vai a toa, se tem alguma já definida pra fazer, algumas pessoas pra encontrar.